



O ENSINO DE TELEJORNALISMO NA ERA DIGITAL: A COBERTURA DOS TELEJORNALIS UNIVERSITÁRIOS NA INTERNET

Antonio C. Brasil¹

RESUMO

Este trabalho sobre a prática e o ensino de telejornalismo no Brasil é resultado da trajetória profissional e acadêmica do autor desde 1973. Destacamos as dificuldades inerentes à pedagogia e à técnica de ensino de uma disciplina considerada de conteúdo primordialmente “prático”. Trata-se de uma reflexão sobre as limitações das metodologias laboratoriais existentes e a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre o ambiente profissional das emissoras de televisão brasileiras sob a égide de parcerias institucionais. O texto também procura situar a questão da integração do ensino com as novas tecnologias ao apresentar relatos de experiências didáticas como a cobertura de eventos jornalísticos pelos telejornais universitários transmitidos pela internet com a efetiva participação de alunos e professores para as TVs universitárias como parte de uma nova metodologia de ensino de Telejornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Novas tecnologias; Convergência Midiática; Ensino de Jornalismo; Era digital.

Introdução

O ensino de telejornalismo ainda é um exemplo referencial do grande desafio para todos os cursos de jornalismo no Brasil: por um lado, a predominância de uma cultura acadêmica que valoriza a “teoria” e, por outro, uma realidade de mercado onde a “prática” é considerada simplesmente “essencial”. Este verdadeiro paradoxo já foi discutido amplamente em diversos artigos publicados pelo autor e divulgados em seminários acadêmicos, mas as conclusões continuam indefinidas.² No caso específico do ensino do jornalismo na TV a situação é ainda mais complexa. Trata-se de disciplina que

¹ Jornalista, Mestre em Antropologia Social, Doutor em Ciência da Informação, professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Vice-Coordenador do GIPTLE, antonibrasil@gmail.com.

² BRASIL, Antonio e EMERIM, Cárilda, 2011, 2012.

deveria ser diretamente responsável pela formação dos profissionais que irão trabalhar nos principais veículos de comunicação de massa do país, a televisão, fontes majoritárias e predominantes de obtenção de notícias para a maioria da população brasileira. Essa situação hegemônica e predominante do meio televisivo merece uma análise mais profunda e atualizada. Afinal, lida-se com uma área da comunicação social que apresenta uma enorme capacidade de influência social e política sendo responsável diretamente pela formação da opinião pública nacional. Uma área extremamente dinâmica e em constante evolução, tanto no seu formato tecnológico quanto no seu conteúdo e na sua linguagem informacionais. Esse trabalho procura aprofundar os estudos no campo telejornalístico pela perspectiva da formação acadêmica dos futuros profissionais e da experimentação com novas linguagens audiovisuais.

As análises citadas neste estudo são o produto de uma experiência abrangente e significativa de muitos anos de vida acadêmica e prática profissional televisiva do autor. Procuramos discutir as dificuldades técnicas e os desafios pedagógicos para tentar transferir experiência profissional dos professores para os alunos de disciplinas de Telejornalismo em diversas faculdades de comunicação no Brasil e no exterior.³ Trata-se de uma tentativa de mudar o telejornalismo brasileiro pela formação do seu futuro profissional.

Ensino de Telejornalismo

Segundo o Prof. Sebastião Squirra, doutor em Telejornalismo, em seu *paper divulgado no IV Seminário Internacional de Telejornalismo* sob o título “*O Ensino de Telejornalismo no Brasil, ou a hegemonia da instrução bidimensional estática num mundo tridimensional, cinética*” o problema está na própria natureza do Telejornalismo e do seu ensino. Uma didática estática numa profissão essencialmente dinâmica conforme cita:

“A mensagem telejornalística requer uma abordagem precisa e cuidadosa. No ensino de telejornalismo acredito que estes são os conhecimentos e valores que só se adquirem produzindo, avaliando, redirecionando, mudando posturas, voltando a produzir, numa infindável espiral que evidencia que a escola deve vivenciar o espírito que rege a vida prática das redações e centros de produção audiovisual. Os grandes exemplos nos mostram que a reflexão e a experimentação contínua moldam excelentes produtos”.

³ O autor foi jornalista da Rede Globo de TV no Brasil e no exterior, correspondente da agência internacional UPI e WTN, professor de diversas IESs no Brasil e nos EUA.

Dessa forma, o telejornalismo reflete a cultura predominante em nossa sociedade com os seus valores e estereótipos representados no meio televisivo de uma forma muitas vezes exagerada. O telejornalismo reflete o país e, conforme relatos detalhados da nossa própria história, as características predominantes já estavam presentes no dia da inauguração da televisão brasileira, obra singular e intempestiva de um empresário poderoso, modelo para os futuros “barões da comunicação”, Assis Chateaubriand, o Chato.

Assim foi que, apesar da presença dos ensaios meticulosos, da presença dos “instrutores” americanos, dos cursos meticulosamente preparados e arduamente assistidos pelos nossos improvisados profissionais de “rádio”, já no primeiro acidente televisual da nossa história procurou-se supervalorizar a criatividade e engenhosidade do profissional brasileiro. Naquela ocasião, a primeira emissão televisiva acabou sendo totalmente diferente do planejado e previsto. Inaugurava-se na televisão brasileira, a adaptação da cultura do “jeitinho” e da improvisação. Isso ocorreu à revelia dos instrutores americanos, mas com orgulho, mostrou-se aos “gringos” como seria o futuro da nossa televisão: uma super valorização da improvisação, da espontaneidade, da criatividade e o pouco caso pelo treinamento prático, aperfeiçoamento técnico em escolas profissionalizantes ou pela pesquisa científica em universidades.

Hoje, após mais de sessenta anos de produção televisiva e apesar dos altos investimentos e esforços da rede hegemônica em nosso país, a Rede Globo de TV para nos convencer do mitológico “padrão globo de qualidade” ainda somos reféns da cultura da cultura da improvisação ou do “jeitinho brasileiro”, da falta de formação profissional especializada em TV, distanciamento entre pesquisas acadêmicas e a realidade profissional e principalmente uma ênfase significativa na cultura do “é somente na TV que se aprende a fazer TV”. Mas, para analisar especificamente o ensino de Telejornalismo no Brasil devemos, em primeiro lugar, fazer uma revisão da bibliografia especializada disponível.

Existem diversos manuais de telejornalismo escritos por profissionais competentes, com larga experiência, tanto de mercado como de ensino em cursos superiores de

comunicação, no mercado editorial brasileiro⁴. Esses manuais procuram fazer uma compilação do conhecimento técnico do “fazer” telejornalístico em suas diversas etapas para o estudante de comunicação que necessita de referências claras sobre como produzir matérias telejornalísticas num breve espaço de tempo. Afinal, na grande maioria dos cursos universitários de jornalismo no país, se oferece o ensino da disciplina telejornalismo geralmente em um ou talvez dois semestres, no máximo, com poucas exceções. Esses mesmos guias profissionais, apesar das tentativas de oferecerem informações adicionais e didáticas na forma de ilustrações e diagramas, sofrem com a própria natureza das características inerentes à mensagem escrita publicada em livros.

Afinal, se a televisão é um meio com predominância imagética, o meio impresso limita sensivelmente o ensino de diversas áreas importantes do saber telejornalístico como a produção e edição de imagens, por exemplo. Ou, em casos mais extremos, os manuais de telejornalismo, apesar de insistirem na importância do ensino das técnicas de “casamento de imagens com texto” para a produção da informação no meio televisivo, encontram dificuldades, muitas vezes intransponíveis, na exemplificação didático-pedagógica específica para os alunos. Desta forma, a transferência do saber acumulado em tantos anos de prática telejornalística por parte do professor, característica específica do ensino da disciplina, enfrenta as limitações do próprio meio predominante no ensino acadêmico contemporâneo, a utilização restritiva e isolada do livro didático.

A cultura de extrema valorização da “teoria” na maioria das faculdades de comunicação e as limitações em relação aos equipamentos audiovisuais determina, igualmente, a significativa preponderância do livro para todas as disciplinas, mesmo aquelas que tenham características essencialmente audiovisuais como o telejornalismo. Por outro lado, a disseminação indiscriminada da utilização de vídeos, produzidos não especificamente para fins didáticos, também contribui para uma das maiores distorções do ensino nas faculdades brasileiras em geral, e principalmente das faculdades de comunicação. Os professores de telejornalismo costumam exibir vídeos com conteúdo jornalísticos durante as aulas e todos os alunos tendem a assisti-los por motivos diametralmente opostos. Essa forma de “recurso multimídia” pode ser bom entretenimento, afinal substitui as longas aulas expositivas ou as aulas não preparadas com a devida antecedência,

⁴ Ver Squirra, S., Bittencourt, L., Paternostro, V., Barbeiro, H.

mas raramente é bom recurso didático. A falta de material didático específico para o ensino de jornalismo é problema recorrente em todo o ensino superior brasileiro, mas no caso do telejornalismo esse problema é ainda mais significativo. Afinal, podemos sempre assistir ao Jornal Nacional em sala com os alunos e instruí-los sobre as suas peculiaridades específicas, ou seja, ilustrando os manuais. Mas nunca podemos mostrar os bastidores da produção de um telejornal pela total falta de acesso a suas técnicas, metodologias e rotinas profissionais.

E é neste caso emblemático que podemos analisar a relação das universidades e o ensino de telejornalismo com as grandes redes de televisão do país. Conceder aos estudantes de jornalismo a oportunidade de visitas guiadas às redações de nossas tevês sem a necessária preparação prévia ou acesso aos seus profissionais durante a execução de rotinas profissionais não nos parece suficiente para criar uma parceria entre a academia e o mercado visando melhorar a qualidade do ensino de telejornalismo e qualificação de nossos jornalistas de TV.

Ou seja, não só não existem parcerias de ensino na forma de estágios supervisionados por professores ou estímulo ao acesso aos mesmos equipamentos profissionais utilizados pelas emissoras de televisão, reciclagem dos professores ou participação no processo seletivo de estagiários, mas o que existe é uma verdadeira cultura de desvalorização do ensino universitário, especificamente na área da comunicação social. A universidade e especificamente seus professores de telejornalismo são, em geral, sistematicamente criticados pelos primeiros responsáveis pela avaliação e treinamento *in house* dos futuros profissionais por inúmeros motivos, a destacar: a falta de laboratórios modernos com tecnologia de ponta e a defasagem dos professores quanto à realidade dinâmica predominante no mercado.

Os alunos de jornalismo que ingressam neste mercado de trabalho passam a confirmar, por indução e experiência *in loco*, uma realidade que simplesmente suspeitavam. Estes mesmo alunos são regularmente avaliados e selecionados para ingresso em estágio muitas vezes não regulamentados por lei, por firmas especializadas em recursos humanos contratadas pelas grandes emissoras sem qualquer intervenção ou consulta às universidades. Os alunos são selecionados por critérios particulares, mas baseados essencialmente em conhecimentos de cultura geral e pela capacidade de executarem tarefas em

grupo, as onipresentes e muitas vezes curiosas “dinâmicas de grupo”. As questões predominantes de cultura geral costumam ser semelhantes aos conhecimentos já superavaliados quando do ingresso dos alunos nas próprias universidades, por ocasião do vestibular.

Dessa maneira, o conhecimento adquirido e acumulado nos quatro longos anos de ensino humanístico e jornalístico são muitas vezes ignorados e a prática adquirida é considerada “insuficiente” para ser sequer avaliada. Tanto esforço para produzir pequenos ensaios telejornalísticos durante semestres inteiros para serem totalmente desconsiderados em sua contribuição na formação do aluno e na transposição deste verdadeiro “rito de passagem” para o ingresso do futuro jornalista numa grande emissora de televisão. Trata-se, pois, no caso do Telejornalismo, de um completo distanciamento entre a prática acadêmica e a realidade do mercado. Uma total falta de participação de inúmeros professores qualificados e experientes no processo de avaliação e seleção dos estagiários para o universo do mercado telejornalístico. O professor dentro da universidade fica completamente alienado dos critérios que formalizam estas verdadeiras maratonas seletivas ou “provas de obstáculos” para milhares de ansiosos postulantes a um lugar ao sol no tão limitado mercado profissional televisivo.

Telejornais universitários

Em termos gerais, o telejornal na Internet tem como objetivo integrar teoria e prática nas atividades de ensino, pesquisa e extensão em Jornalismo e implantar uma nova proposta de tratamento da informação jornalística televisual e multimidiática.

Tivemos a oportunidade de colocar em prática um projeto de ensino de telejornalismo que incluía a produção de um telejornal diário em universidades do Rio de Janeiro. Com uma estrutura operacional mínima, custos reduzidíssimos, quase nenhum apoio institucional, mas muito empenho por parte de toda uma equipe de alunos, professores e funcionários, criou-se um telejornal diário exibido em circuito fechado dentro de dois campi diferentes.

Esses telejornais universitários na Internet se tornariam padrão referencial para tantos outros telejornais universitários em nosso país e, enquanto projeto pioneiro, seria reconhecido e premiado como o melhor telejornal universitário do país na mostra nacio-

nal de trabalhos experimentais, a EXPOCOM da INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação.

Em 2002, o TJ UERJ, projeto de telejornal diário na Internet produzido pela TV UERJ Online, a WebTV do curso de jornalismo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, teria reconhecimento nacional e internacional ao receber o Prêmio Luiz Beltrão para projetos inovadores conferido pela INTERCOM.

Nesse ponto, é importante lembrar que o telejornalismo não se resume somente à produção de telejornais, mas inclui, igualmente, uma série de outras linguagens televisuais, como programas de documentários, shows esportivos e programas de debates com entrevistas, mais conhecidos como “*talk shows*”. Tentativa de recriar na universidade a característica de diversidade e de instantaneidade típicas do meio. A busca de alternativas a um modelo de televisão universitária, sempre pré-ensaiada e pós-gravada, gerou uma tentativa de recriação da experiência única de um telejornalismo “ao vivo”, da espontaneidade temporal com a inclusão de seus acertos e erros.

TJ UFSC

Após a experiência inovadora da implantação de telejornais universitários na Internet pela TV UERJ online, hoje, inicia-se uma nova etapa na consolidação dos noticiários digitais na rede. Em abril de 2012, entrou no ar o TJ UFSC, o telejornal digital da Universidade Federal de Santa Catarina transmitido diariamente ao vivo pela Internet. Trata-se de um projeto experimental de extensão que prioriza a divulgação de notícias sobre o ambiente universitário. O programa é produzido e executado inteiramente por alunos, professores e funcionários do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina com o apoio do Laboratório de Telejornalismo (LabTele). O telejornal universitário é uma proposta pedagógica voltada para a prática de produção, reportagem, edição, apresentação e transmissão de jornalismo audiovisual pela internet. Os participantes do projeto colocam em prática os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas de Telejornalismo e vivenciam as rotinas profissionais das redações telejornalísticas. As metodologias utilizadas se inserem no universo das pesquisas aplicadas pela perspectiva singular da pesquisa-ação conforme os critérios estabelecidos Thiollent (2005). Em relação ao campo da Comunicação, essa metodologia prioriza a atividade

laboratorial participativa, a análise crítica de conteúdo e a avaliação de resultados através de monitoramento de recepção dos conteúdos pela audiência.

Metodologia

A pesquisa de linguagem aprofunda a produção do telejornal com reportagens e programas especialmente concebidos para a Internet que promovem avanços significativos na capacitação acadêmica e na experimentação de novas linguagens audiovisuais digitais. Nesse contexto, um novo profissional está nascendo junto com esse novo veículo, um jornalista que conheça profundamente o desafio de acompanhar as inovações técnicas com capacidade crítica e consciência ética. Outro ponto importante, é que mostramos, com o nosso projeto de telejornalismo, que a Academia não precisa se “encastelar”, não deve assumir uma postura de isolamento, pelo contrário, deve se integrar aos outros segmentos de produção de conhecimento da universidade, produzindo um saber que repercute em benefício da cultura, da comunidade onde está inserida, da sociedade como um todo. Assim, o telejornalismo desenvolvido pelo **Laboratório de Telejornalismo** da UFSC através de seus múltiplos produtos segue esse propósito, divulgando informações sobre o universo acadêmico, eventos culturais de importância social, e visão crítica sobre os fatos relevantes que acontecem na cidade, no país e no mundo.

O projeto de telejornal digital da UFSC visa proporcionar a regularidade, o cotidiano e a prática diária da produção telejornalística aos estudantes, colocando-os diante de questões profissionais e éticas como o trabalho em equipe, a rapidez e o cumprimento de horários, bem como com a noção dos critérios de noticiabilidade na televisão e reflexões sobre as implicações éticas, sociais, políticas e econômicas da prática jornalística.

Por outro lado, a pesquisa de linguagem realizada pela produção do telejornal, reportagens e programas especialmente concebidos para a Internet promove avanços significativos na capacitação acadêmica dos alunos de jornalismo. Ressalte-se que um novo profissional é formado junto com a consolidação desse novo veículo, um jornalista que conhece profundamente o desafio de acompanhar as inovações técnicas com capacidade crítica e consciência ética. Além do aspecto laboratorial do projeto que visa a formação profissional dos alunos de jornalismo, nossa investigação evolui para uma nova pedagogia dos meios audiovisuais, buscando uma linguagem que desperte a co-

munidade acadêmica, de todas as áreas do saber. A visão da comunicação, como tendo um papel predominante na produção dos significados simbólicos da sociedade, exige uma nova visão crítica dos processos de comunicação social e formas alternativas de criação. O projeto, que sustenta o telejornal digital diário transmitido ao vivo pelo sistema de *streaming* do Laboratório de Telejornalismo do Curso de Jornalismo da UFSC, contribui para o desenvolvimento de novas tecnologias e práticas profissionais que possuem o potencial de inovação dos telejornais das TVs tradicionais ou das TVs na Internet (WebTVs). Os recursos investidos no projeto e as parcerias estabelecidas com Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras têm permitido que a implantação de um telejornal universitário *online* que procura ser referência para o Estado de Santa Catarina e uma rede de telejornais universitários que seja pioneira no país. A próxima etapa do projeto é desenvolver parcerias com cursos de Jornalismo de outros países para implantarmos uma rede de telejornais internacional pela Internet.

Assim, o telejornalismo desenvolvido pelo Laboratório de Telejornalismo do Curso de Jornalismo da UFSC através de seus múltiplos produtos segue esse propósito, divulgando informações sobre o universo acadêmico, eventos culturais de importância social, e visão crítica sobre os fatos relevantes que acontecem na cidade, no país e no mundo.

Desafios para os telejornais universitários diários

São raros os cursos de jornalismo brasileiros que possuem telejornais de exibição regular diária, uma vez que a produção em telejornalismo costuma ser apenas um espaço para aprendizado teórico ou “simulado”. Os telejornais produzidos pelos cursos de Jornalismo tendem a não priorizar a rotina específica dos telejornais que exigem a regularidade de transmissão dentro de critérios profissionais. Os alunos que participam do TJ UFSC têm a liberdade para experimentar e definir cada edição do telejornal, sempre com o objetivo de informar a comunidade universitária e manter o interesse dos alunos da instituição.

Na experiência de produção do telejornal, as bolsistas de extensão e os voluntários enfrentam uma rotina diária de telejornalismo, sendo responsáveis por todas as etapas de produção, desde a elaboração das pautas até a transmissão do telejornal ao vivo, no horário fixo de segunda a sexta-feira, às 17h30. Para organizar as atividades, os estu-

dantes criaram uma hierarquia de funções tal qual a das redações dos telejornais tradicionais, mas também estabeleceram uma troca de atividades. Desse modo eles têm a oportunidade de executar diferentes funções, tais como as de produtor, pauteiro, repórter, cinegrafista, editor, diretor de imagem, controlador de áudio e câmera de estúdio. Muitas vezes os alunos são verdadeiros *videorrepórteres* e ficam responsáveis, sozinhos, pela produção de uma reportagem completa.

Além de aprender as técnicas e treinar habilidades, os estudantes procuram produzir jornalismo de qualidade e informar a quem os assiste. A maior parte do público do TJ UFSC é formada por universitários, e o telejornal é pautado por notícias relacionadas à UFSC e redondezas, além de outras universidades e da cidade de Florianópolis.

Criar uma identidade e desenvolver uma nova linguagem em telejornalismo são, também, objetivos do TJ UFSC. Diferentemente do telejornal exibido diariamente nas emissoras comerciais ou no mercado profissional, o telejornal universitário deve ser um espaço aberto ao treinamento e a experimentação de novas propostas produtivas.

Em relação à recepção dos telejornais universitários na Internet, o grande diferencial é o enorme potencial de acesso pelo grande público aos conteúdos disponíveis na Internet. Ou seja, ao contrário das limitações do passado, hoje qualquer pessoa pode assistir à internet pode assistir aos telejornais produzidos pelos estudantes. Para isso, o Laboratório de Telejornalismo da UFSC gera um link de transmissão ao vivo diariamente em horários fixos e pré-determinados, mas sem limites ou restrições de duração de tempo de transmissão. Em se tratando de um telejornal experimental, essa característica é fundamental para o aprimoramento do conteúdo jornalístico e aprimoramento do do formato audiovisual transmitido em tempo real, ao vivo pela Internet.

O público também pode acompanhar as atualizações do TJ UFSC em redes sociais como o *Facebook*, assistir a boletins com notícias urgentes, chamadas para os próximos telejornais e assistir aos TJs anteriores, disponíveis em um canal exclusivo no *Youtube*. Depois da transmissão e postagem, os telejornais e as reportagens são compartilhados entre grupos de amigos. Segundo Nogueira (2005), essas ferramentas da internet oferecem dispositivos capazes de fazer a informação em vídeo circular pelo espaço navegável:

Em outras palavras, permitem que o material produzido transite pelo ciberespaço, seja através de emails que os próprios usuários trocam entre si ou nos boletins periódicos que o veículo envia aos usuários cadastrados. Esta prática transforma a notícia audiovisual em um produto dinâmico que vai até o usuário. Enquanto que na TV aberta em presença on-line e na webtv, a notícia fica estática no banco de dados e o usuário é que precisa ir até lá para acessá-la. (NOGUEIRA, 2005, p.91-92)

A experiência de produzir um telejornal universitário digital tem sido intensa e mostra que apesar das dificuldades e limitações nas universidades, em termos de equipamentos e logística de produção, as práticas cotidianas em telejornalismo podem ser uma ferramenta importante de integração do universo universitário, bem como as ações de extensão um potencial elemento de construção de experiência real da profissão e integradora da comunidade interna e externa das instituições de ensino.

Um telejornal universitário de qualidade com cobertura abrangente e relevante não é uma utopia ou sonho impossível. É de difícil realização. Requer muito trabalho, dedicação, criatividade e condições técnicas mínimas. Mas um telejornal diário ao vivo produzido somente por alunos, professores e funcionários de cursos de Comunicação ou de Jornalismo é tarefa ainda mais difícil. Ainda mais quando a sua cobertura não é orientada ou limitada aos interesses das administrações universitárias. Pode ser um telejornal universitário em uma TV aberta, TV segmentada (TV a cabo), na Internet, ou em meios que ainda serão criados. A experiência denota que é possível produzir um telejornal universitário visando colaborar para tornar a sociedade mais bem informada com fontes múltiplas e diversificadas de notícias.

No Brasil, os telejornais ainda seguem modelos únicos e singulares de nossas televisões: o modelo privado que por motivos históricos, econômicos, políticos e sociais se tornou “hegemônico” e predominante em nossa sociedade. Esse modelo se contrapõe à proposta da TV estatal que se autodenomina “pública”. Essas televisões costumam ser fortemente controladas pelas políticas de governos, pelos partidos políticos ou lideranças regionais.

Neste trabalho, propomos uma nova forma de cobertura televisiva e telejornalística: o modelo universitário. O objetivo é utilizar as facilidades das novas tecnologias para desenvolver uma rede nacional de telejornais universitários na TV pela Internet. Trata-se de uma alternativa aos modelos de telejornais existentes em nosso país. Podem-

se considerar alguns telejornais melhores, mais conhecidos ou confiáveis. A escolha de determinado telejornal pelo público costuma depender de vários fatores como a força do hábito, formação individual e interesses específicos de segmentos do público.

Após quase sessenta anos assistindo, produzindo e pesquisando telejornais, é possível estabelecer parâmetros para um telejornalismo de qualidade sem necessariamente ter que recorrer aos ditames dos pensamentos alheios. Em relação ao telejornalismo na Internet, ainda não há uma terminologia ou quadro de conceitos totalmente definidos e universais. Trabalha-se de forma isolada e as referências utilizadas são os meios de comunicação de massa já existentes como o jornal, o rádio e a televisão. Logo, adaptamos "termos" como webjornalismo audiovisual, webcasting e outras propostas conceituais que não conseguem se comunicar com o público ou com o senso comum. Esses termos pretendem negar termos estabelecidos como TV, broadcasting ou telejornalismo na web.

Por enquanto, já que o período é de transição, opta-se pelo conceito de "telejornalismo online" ou "telejornais na Internet". Não é o ideal, mas facilita a compreensão para todos nós que fomos criados com a televisão como principal meio de comunicação de massa. Conforme avançamos na proposta de desbravar um meio completamente novo como a Internet, cria-se uma nova conceituação mais apropriada e que venha a ser aceita universalmente.

Convergência do telejornal para web.

Após mais de 60 anos de sucesso, a TV deve buscar alternativas para uma situação visível de desgaste, acomodação ou até mesmo de uma possível decadência. No passado recente, foi possível presenciar outra convergência ou migração no passado, quando o rádio se tornou televisão. Muitos até anunciavam o fim do meio radiofônico e apostaram tudo na TV. Em termos de linguagem, sou dos que acreditam que a televisão deveria ter utilizado melhor uma influência natural do meio cinematográfico. A TV brasileira segue um modelo de narrativa que privilegia o rádio pela predominância da palavra e menospreza o cinema com sua linguagem audiovisual. As imagens na TV ainda são muito limitadas. O exemplo mais significativo é a proposta de somente ver ou ouvir um telejornal. A imagem ainda tem relevância limitada em nossos telejornais.

Telejornalismo na web ou telejornalismo online hoje se caracteriza por uma agilidade do rádio com o potencial imagético da TV. Mas o recurso mais importante ainda é o potencial de interatividade. Nos telejornais na Internet, o público participa muito mais através de e-mails, mensagens eletrônicas em redes sociais como o Facebook e Twitter. Ao ficarem disponibilizados em canal exclusivo no YouTube para visualizações individualizadas, os telejornais universitários estabelecem uma memória que auxilia na recuperação e avaliação histórica dos conteúdos produzidos. Por outro lado, o custo mais baixo também viabiliza novas experiências e cria possibilidades mais inovadoras. A acessibilidade universal numa linguagem local e universal também são características que têm tudo para se tornarem ainda mais relevantes. A experiência de produzir um telejornal comunitário dentro de uma universidade brasileira e constatar centenas de milhares de visualizações oriundas de lugares distantes e inimagináveis em termos de cobertura televisiva tradicional como a República do Congo ou a Dinamarca muda de forma radical a maneira de produzir, assistir e analisar telejornais. Ainda mais telejornais universitários.

É importante enfatizar que a cobertura do telejornalismo universitário na Internet possui as mesmas características e o potencial comunicacional da própria internet. A diferença não está restrita ao meio, mas, sim, às possibilidades de um novo conteúdo. Não se trata somente de uma questão tecnológica ou econômica. A exclusão digital passa pela necessidade da criação de uma identidade e linguagem próprias. Enquanto os telejornais na rede continuarem replicando os modelos televisivos tradicionais, não será possível desenvolver uma linguagem específica para o novo meio: a TV na Internet.

Linguagem

Em relação aos telejornais universitários na Internet, o grande obstáculo é constituído pelos limites tecnológicos e as condições específicas de produção, divulgação e avaliação de conteúdos que ainda demandam maiores pesquisas. Aprende-se ao mesmo tempo em que o telejornal é produzido e divulgado. Ainda não foi possível estabelecer ou replicar normas definidas. Trata-se de uma dinâmica que inclui uma sucessão diária de tentativas e erros. A linguagem dos telejornais universitários na Internet ainda está em construção. Mas já é possível denotar a predominância da convergência de mídias como busca de uma identidade narrativa.

Até o momento, não há muitas certezas. Muito pelo contrário. Para os produtores de telejornais universitários na Internet, ainda predominam as experimentações de linguagens. Após mais de 10 anos no ar, ainda enfrenta-se um período de transição onde nada está definido. Tudo ainda é possível. E isso pode ser o mais atraente nesse novo meio comunicacional.

Na cobertura dos telejornais universitários na Internet, o texto ainda é demasiadamente parecido com a TV. Mas, já foi possível constatar a eficácia da palavra escrita acoplada às ilustrações na forma de videogramas ilustrativos e desenvolvimentos de artes gráficas digitais específicas para os telejornais na rede. O recurso da inserção de grafismos digitais em diversas matérias produzidas pelos alunos para os jornais televisivos confere maior riqueza visual e aumentando o seu poder comunicacional. Telejornal universitário na Internet deve ser tão dinâmico quanto o seu meio e o público-alvo prioritário: os jovens que buscam na rede informações relevantes, oportunidade de participação e diversão de qualidade.

Mais uma vez, adapta-se o que já existe e busca-se uma criatividade que certamente ainda virá com o acesso mais fácil e universal à rede. Limitar-se a imitar a TV é um grande equívoco. Quem assiste vídeo ou TV na web tem uma experiência singular e diferenciada. Não existe o mesmo grau de imersão da TV. O meio é completamente diferente. Seria como comparar o meio radiofônico com o telefone. São propostas diferentes. A web é convergência de mídias e ainda não possui identidade própria. Está nascendo. Em termos de imagens em movimento, só saberemos mais com a utilização massiva da banda larga. Por enquanto, vivemos a pré-história do meio. Tudo é ainda muito indefinido.

O foco não é a tecnologia, mas o conteúdo. Guerrilha de informação se faz com o que se tem. Já é possível pensar o futuro dos noticiários alternativos em relação às propostas dos grandes veículos. A multiplicidade de telejornais na rede cria grandes oportunidades para a experimentação de novas narrativas audiovisuais e para a formação dos futuros jornalistas de TV. Telejornalismo universitário na Internet pode ser considerado um telejornalismo de guerrilha. Internet é um meio e uma linguagem essencialmente jovem. Suas características democráticas e muitas vezes até meio rebeldes se tornam um apelo forte e significativo para a mobilização dos jovens. O telejornal uni-

versitário na rede procura estabelecer valores informativos ao mesmo tempo que aperfeiçoa estratégias inovadoras de mobilização e interação com o seu público.

Conclusões

A proposta dos telejornais digitais na Internet produzidos pelos cursos de jornalismo é investir na criatividade, na multiplicidade e na liberdade dos alunos de jornalismo. Ao invés de pensarmos em alguns poucos telejornais tradicionais, é possível prever uma explosão de telejornais comunitários na Internet. Cabe, no entanto, à universidade juntamente com a sociedade brasileira refletir sobre a linguagem e os objetivos do telejornalismo na rede. A capacidade desse novo meio é cada vez mais participativa e inovadora. O conteúdo diferenciado das WebTVs ainda precisa ser mais pesquisado e valorizado. Por enquanto este meio ainda é comparado com a TV, mas deveria ser comparado com outros meios menos acessíveis e mais eficientes em suas propostas.

Neste trabalho, procuramos discutir o ensino de telejornalismo nas universidades brasileiras pela perspectiva das práticas laboratoriais. Procuramos indicar algumas alternativas para a renovação do ensino e para a experimentação de novas linguagens audiovisuais. Contudo, essas novas propostas continuam necessitando de um mínimo de apoio institucional e de um máximo de compreensão e incentivo por parte daqueles que controlam as direções do ensino superior em nosso país. Experimentação de novas técnicas de ensino para disciplinas consideradas essencialmente “práticas” não se coaduna jamais com a restrição criativa e o imobilismo institucional de caráter tímido e conservador. Ensinar telejornalismo deveria ser tão dinâmico, criativo e inovador quanto o próprio meio. Mas tentar ensinar telejornalismo somente com as ideias e os recursos dos saberes humanísticos existentes é condenar o ensino a ser insatisfatório e frustrante para o aluno e para o professor, mas ainda mais limitado e ineficaz para o futuro empregador.

Precisamos reconhecer que o ensino de telejornalismo em nosso país, assim como, talvez, todo o processo educacional, ainda tem muito a aprender com o potencial inovador dos novos meios digitais como a multimídia e a televisão digital na Internet. Mas ter acesso às novas tecnologias e manter as mesmas ideias e preconceitos em relação ao ensino também não parecem ser alternativas viáveis para as mudanças que são

cada vez mais urgentes e necessárias. A aquisição de novos equipamentos ou o aprimoramento de novas linguagens audiovisuais não elimina a necessidade de uma maior valorização da educação continuada dos professores e uma maior proximidade da academia com as realidades do mercado.

Por outro lado, o segmento do Telejornalismo brasileiro deveria considerar esta oportunidade de cobranças e críticas sociais e procurar repensar seus objetivos, sua história e sua formação técnico-profissional, não só dentro das redações das tevês, mas também dentro das salas de aula e dos laboratórios das universidades. O principal objetivo é provocar uma mudança qualitativa no Telejornalismo brasileiro pelo aprimoramento da formação dos futuros profissionais.

Deve-se repensar o próprio sentido da “experimentação de linguagem” no telejornalismo brasileiro. Com a queda generalizada de audiência e o constante afastamento dos jovens dos noticiários, é preciso encontrar novas fórmulas para evitar um desequilíbrio ainda maior entre as características de entretenimento inerentes do meio televisivo e sua potencialidade informativa e formadora. A universidade e as tevês universitárias poderiam ser estimuladas a trabalharem com esta experimentação laboratorial de novas fórmulas para um telejornalismo mais criativo e não restritas a serem simplesmente, repetidoras “empobrecidas” das fórmulas existentes no mercado.

A universidade não deve abrir mão tanto da formação cultural quanto da formação técnica dos jornalistas de televisão - aspectos inseparáveis da mesma educação superior - sob pena de limitarmos essa formação a uma instrução descontextualizada dos problemas do próprio meio e das principais questões nacionais.

Produzir telejornais universitários na internet é uma proposta de inovação e de renovação dos noticiários na TV. Hoje estamos diante de um novo meio que pode garantir uma sobrevivência às notícias de qualidade no formato audiovisual que foram relegadas a um plano secundário na televisão tradicional por razões das mais diversas. O telejornalismo online ou na web não é simplesmente a evolução de um gênero televisivo ou a transferência ou convergência de meios digitais. A proposta é criar ou adaptar uma nova linguagem para um novo meio. A grande emoção, no entanto, é a indefinição da trajetória a ser escolhida. Estamos diante de diversos caminhos e possibilidade. Pode ser melhor ou pior do que a televisão tradicional, mas certamente será diferente. Ao pesqui-

sar e criticar a televisão e os telejornais tenta-se denunciar os erros do passado para evitá-los no futuro do novo meio. O objetivo final é produzi um telejornalismo melhor.

Referências bibliográficas

AVILES, J. A.; LEON, B. Journalism practice in digital television newsrooms. *Journalism Studies* (3), London: Sage, 2002.

ALDRICH, C. *Simulations and the future of learning*. Jossey-Bass/Pfeiffer, NY, 2003.

BANDRES, Elena et al. *El periodismo en la televisión digital*. Editora Paidós, Barcelona, 2002.

BITTENCOURT, Luís Carlos. *Manual de Telejornalismo*. Ed UFR, Rio de Janeiro, 1990.

_____. A expansão do telejornalismo online. <http://www.telejornalismo.com/bitt.htm>, 2002,

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Ed. Jorge Zahar, Ed. Rio de Janeiro, 1997.

BRASIL, A., *Telejornalismo, Internet e Guerrilha Tecnológica*. Ed. LCM, Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL, A., & ARNT, H. *Telejornalismo On-line – Anais do Primeiro Seminario de Telejornalismo Online, E-Papers*, Rio de Janeiro, 2002.

CAREY, J. *An Ethnographic Study of Interactive Television*, pesquisa apresentada no programa de mestrado em Comunicacao Social da SCILS, Rutgers University, New Brunswick, NJ, 2002.

CASTELLS, M., *A sociedade em rede*. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1999.

COUTINHO, Iluska. *Algumas reflexões sobre as características do telejornalismo e os limites da TV como meio de informação*. Iluska Coutinho – I Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Brasília, 2003.

FREITAS, Sandra. *Jornalismo no Século XXI: Mudanças e Desafios - Tese de doutorado*, ECO-UFRJ, 2002.

HARGREAVES, I. & THOMAS, J. *New News, Old News*. London: Research report published by the Independent Television Commission, Londres, 2002.

- LAGE, N. “Sistemas de produção de TV com qualidade DV ou superior e baixo custo em pequenas comunidades e regiões carentes”, http://agenciact.mct.gov.br/index.php?action=/content/view&cod_objeto=13401, 2002.
- LEVY, P., L’Intelligence collective. Editions la Decouverte, Paris 1995.
- MELO, A., As primeiras experiências de telejornalismo na web, UNOESC, Chapecoh, SC, 2002.
- NASSAR, Silvio Julio. Televisão: 1000 Perguntas. Ed. Estácio. Rio de Janeiro, 1984.
- NOAM et al. Internet Television, Erlbaum eds., NJ, 2004.
- NOGUEIRA, Leila. Quebrando o espelho: uma análise comparativa do jornalismo nas TVs UOL e UERJ, dissertação de mestrado, FACOM/UFBA, 2005.
- OWEN, B., Internet challenge to television. Harvard University Press, Cambridge, 1999.
- PAVLIK, J. "Television News Technology: The State of the Art," Television Quarterly, Fall 2002, Volume 33, Number 3.
- _____, TV on the Internet: Dawn of a New Era?, www.tvquarterly.com/articles/30-3-5.asp, 2005.
- PRIOLLI, G. Televisão Universitaria: TV Educativa em Terceiro Grau, [Electronic version]. http://www.abtu.org.br/arquivos_TV_educativa_3grau.asp, 2003.
- _____. A Deusa Ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. Summus Ed. São Paulo, SP. 2000.
- SEIXAS, Lia. Gêneros jornalísticos digitais: uma proposta de critérios para definição dos tipos de produtos do webjornalismo, Compos, 2004.
- SQUIRRA, Sebastião. Aprender telejornalismo. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- VIZEU, Alfredo. A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação a enunciação jornalística. Compos, 2003.
- WELLS, M. & DEANS. J., TV viewers losing interest in news, Media Guardian, 11//01/02 at <http://mediaguardian.co.uk/broadcast/story>. 2002.
- WOLTON, Dominique, La Television au Pouvoir. Ed. Universalis, Paris, 2004.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
Curitiba – Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Novembro de 2012
